

# Lembrai-vos do Plano Cruzado

28 FEVEREIRO  
JORNAL DA TARDE

Formou-se no cenário político nacional, nos últimos dias, um coro — não orquestrado mas bastante sintonizado — para levar o governo Collor a mudar sua política econômica. São economistas nostálgicos das velhas mágicas heterodoxas, governadores e políticos de um modo geral de olho nas eleições municipais, e empresários preocupados com a queda de seus negócios e temerosos da concorrência dos produtos importados que querem que o governo reduza o ritmo da abertura da economia — caso das tarifas de produtos importados —, altere a política de juros, seja menos duro na administração do Orçamento da União e até recorra a velhos expedientes especiais, tipo congelamento, prefixação ou — a última moda no assunto — “âncora cambial”, para segurar a inflação.

Seria um desastre se o presidente da República cedesse a esses apelos — em alguns casos, pressões, como as que começam a exercer os governadores, especialmente Fleury Filho, de São Paulo, e Antônio Carlos Magalhães, da Bahia. Este é o momento decisivo. Depois de todos os sacrifícios que a população está fazendo, do preço que as empresas estão pagando, a política implementada pelo ministro Marcílio Marques Moreira começa a dar os seus primeiros resultados positivos. A inflação, se não está caindo no ritmo que todos nós desejávamos, não está subindo assustadoramente, como acontecia desde o Plano Cruzado, quando ela ultrapassava o “patamar” dos 20%.

A própria atividade industrial, depois de um período de total inanição, dá sinais de recuperação: o desempenho da indústria paulista, segundo o Indicador do Nível de Atividades (INA), da Fiesp, apresentou um crescimento de 2,1% em janeiro quando comparado com dezembro do ano passado; se comparado com janeiro de 1991, o crescimento foi maior — 3,5%. Esses números contrariam a maioria das previsões sombrias de economistas e empresários e mudaram o clima no Conselho Superior de Economia da Fiesp: a constatação agora é de que há uma tendência de recu-

peração da atividade econômica que deverá se acentuar no terceiro trimestre do ano. O Ipea, órgão ligado ao Ministério da Economia, mas que tem feito análises bastante objetivas do comportamento da economia, também está prevendo um crescimento do PIB brasileiro a partir de abril. Outro dado positivo é a assinatura do acordo com o Clube de Paris (veja nota acima). Há, ainda, a expectativa da safra agrícola, que provavelmente terá um crescimento ainda maior do que se previa.

Não se pode ignorar, evidentemente, que o desemprego está atingindo níveis insuportáveis. Contudo, a conjugação desses fatores positivos que citamos acima deverá começar a reverter esse quadro, mais acentuadamente quando começar a surtir efeito a política de incentivos às exportações lançada na semana passada. Não é hora, ainda, de soltar foguetes, mas já dá para ficar menos pessimista.

A ordem, portanto, é não mudar. É persistir. E, felizmente, esta parece ser, no momento, a determinação do presidente Collor. Segundo reportagem que o Jornal da Tarde publicou ontem, o presidente orientou o ministro da Economia a rechaçar todas as propostas de empresários e governadores que, a pretexto de reativar a economia, cobram um afrouxamento da atual política econômica. “A prioridade é o controle da inflação” — afirma o futuro ministro-chefe da Secretaria de Governo, Jorge Bornhausen. Empresários que estiveram com o presidente nos últimos dias ouviram de Collor a mesma coisa.

A sociedade brasileira tem que ficar atenta para não deixar que o coro dos insatisfeitos consiga quebrar essa determinação, como já conseguiu várias vezes em outras ocasiões. Se o governo afrouxar agora, pode até trazer num primeiro momento um pequeno alívio para empresários e trabalhadores, mas o sacrifício que será cobrado depois será muito maior do que o que se fez até aqui.

Lembrai-vos do Plano Cruzado!